

ANNIE DARLING

*a* PEQUENA  
LIVRARIA  
*das* CORAÇÕES  
SOLITÁRIOS

**Tradução**

Cecília Camargo Bartalotti

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2017



VERUS  
EDITORA

**Editora**

Raïssa Castro

**Coordenadora editorial**

Ana Paula Gomes

**Copidesque**

Maria Lúcia A. Maier

**Revisão**

Cleide Salme

**Capa**Adaptação da original (Alexandra Allden  
© HarperCollinsPublishers Ltd 2016)**Ilustração da capa**

© Carrie May

**Projeto gráfico**

André S. Tavares da Silva

**Diagramação**

Daiane Cristina Avelino Silva

---

**Título original***The Little Bookshop of Lonely Hearts*

ISBN: 978-85-7686-588-9

Copyright © Annie Darling, 2016

Todos os direitos reservados.

Tradução © Verus Editora, 2017

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

**Verus Editora Ltda.**

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | [www.veruseditora.com.br](http://www.veruseditora.com.br)**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

D235p

Darling, Annie

A pequena livraria dos corações solitários / Annie Darling ;  
tradução Cecília Camargo Bartalotti. -- 1. ed. -- Campinas, SP :  
Verus, 2017.

23 cm.

(A Livraria dos Corações Solitários ; 1)

Tradução de: The Little Bookshop of Lonely Hearts

ISBN: 978-85-7686-588-9

1. Romance inglês. I. Bartalotti, Cecília Camargo. II. Título.  
III. Série.

17-40386

CDD: 823

CDU: 821.111-3

Do *London Gazette*

## OBITUÁRIO

Lavinia Thorndyke OBE,  
1º de abril de 1930–14 de fevereiro de 2015

**L**ivreira, mentora e incansável defensora da literatura, Lavinia Thorndyke faleceu aos oitenta e quatro anos.

Lavinia Rosamund Melisande Thorndyke nasceu em 1º de abril de 1930, caçula e única filha mulher de Sebastian Marjoribanks, terceiro lorde Drysdale, e sua esposa Agatha, filha do visconde e da viscondessa Cavanagh.

O irmão mais velho de Lavinia, Percy, foi morto lutando pelos legalistas na Espanha, em 1937. Os gêmeos Edgar e Tom serviram na RAF e morreram com um intervalo de uma semana durante a Batalha da Grã-Bretanha. Lorde Drysdale morreu em 1947, e seu título e propriedade familiar em North Yorkshire passaram para um primo.

Lavinia e sua mãe estabeleceram residência em Bloomsbury, perto da Bookends, a livraria que foi dada de presente a Agatha em seu aniversário de vinte e um anos, em 1912, na esperança de que pudesse distraí-la de sua participação no movimento sufragista.

Em uma coluna que escreveu para a *The Bookseller* em 1963, Lavinia recordou: “Minha mãe e eu encontrávamos consolo entre as estantes. Para compensar a falta de uma família, nós nos sentíamos alegremente adotadas pelos Bennet, em *Orgulho e preconceito*, pelos Mortmain, em *I Capture the Castle*, pelos March, em *Mulher-*

zinhas, pelos Pocket, em *Grandes esperanças*. Encontrávamos o que buscávamos nas páginas de nossos livros favoritos”.

Lavinia foi educada na Escola Camden para Moças, depois graduou-se em filosofia pela Universidade de Oxford, onde conheceu Peregrine Thorndyke, o terceiro e mais novo dos filhos do duque e da duquesa de Maltby.

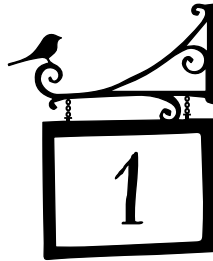
Eles se casaram na Catedral de St. Paul, em Covent Garden, em 17 de maio de 1952, e iniciaram a vida de casados no apartamento situado no andar de cima da Bookends. Com a morte da mãe de Lavinia, Agatha, em 1963, os Thorndyke mudaram-se para a casa dela, na Bloomsbury Square, e muitos jovens escritores foram orientados, formados e alimentados em volta da mesa de sua cozinha.

Lavinia foi condecorada com o título de Dama da Ordem do Império Britânico (OBE) em 1982 por sua contribuição ao setor livreiro.

Peregrine morreu em 2010, após uma curta batalha contra um câncer.

Lavinia continuou sendo uma presença constante em Bloomsbury, percorrendo de bicicleta o caminho entre sua casa e a livraria Bookends. Há uma semana, depois de uma recente colisão com outro ciclista que não resultou em nada além de arranhões e contusões, Lavinia faleceu em casa, de maneira repentina.

Deixa uma única filha, Mariana, condessa di Reggio d’Este, e um neto, Sebastian Castillo Thorndyke, empreendedor digital.



O funeral de Lavinia Thorndyke foi realizado em um clube privativo de mulheres amantes da literatura, na Endell Street, em Covent Garden, ao qual ela pertenceu por mais de cinquenta anos.

Em uma sala revestida de madeira no segundo andar, com janelas abertas para as ruas movimentadas lá embaixo, as pessoas se reuniram para lembrar. Embora os enlutados tivessem vindo direto do enterro de Lavinia, havia um arco-íris de cores em exibição. Mulheres em vestidos florais de verão, homens em ternos brancos e camisas impecáveis em tons pastel, ainda que um deles usasse um blazer amarelo-gema, como se fosse sua missão pessoal compensar a falta de sol naquele dia cinzento de fevereiro.

As instruções de Lavinia haviam sido muito claras na carta que deixara detalhando os preparativos para o seu funeral — “Nada de preto, apenas cores alegres” —, e talvez fosse por isso que a atmosfera era menos fúnebre e mais como uma festa no jardim. Uma festa no jardim muito barulhenta.

Posy Morland estava vestida com o mesmo tom rosa-claro das rosas favoritas de Lavinia. Havia desenterrado o vestido do fundo do guarda-roupa, onde estava pendurado languidamente fazia quase uma década, escondido atrás de outro, de pele sintética de leopardo, intocado desde seus dias de estudante.

Os anos que se seguiram foram regados a muita pizza, bastante bolo e enormes quantidades de vinho. Não era de admirar que o vestido esti-

vesse apertado nos seios e nos quadris, mas era esse que Lavinia gostaria que ela usasse, então Posy puxou sem muito efeito o tecido apertado de algodão cor-de-rosa e tomou mais um gole de champanhe, outro desejo expresso de Lavinia.

Com o champanhe fluindo, a conversa na sala havia alcançado um *crescendo* ensurdecedor. “Qualquer imbecil pode montar uma produção de *Sonho de uma noite de verão*, mas precisa de muita coragem para fazer isso com togas”, ela ouviu alguém zurrar em uma voz retumbante de ator de teatro, e Nina, que estava sentada a seu lado, soltou um risinho e, depois, tentou disfarçar com uma tosse delicada.

— Tudo bem, acho que temos permissão para rir — Posy lhe disse, porque os dois homens no canto atrás delas gargalhavam tão ruidosamente que um deles teve de parar e segurar os joelhos. — A Lavinia sempre dizia que os melhores funerais se transformam nas melhores festas.

Nina suspirou. Ela havia combinado o vestido leve xadrez com os cabelos, que atualmente eram de um azul da prússia vibrante.

— Puxa, eu vou sentir falta dela.

— A livraria não vai ser a mesma sem a Lavinia — disse Verity, sentada do outro lado de Posy e usando cinza, porque cinza não era preto, e ela não tinha compleição nem disposição para usar cores alegres. — Eu ainda fico esperando vê-la entrar de repente, toda entusiasmada, agarrada a um livro que passou metade da noite lendo.

— E ela sempre se referia às cinco da tarde de sexta-feira como a hora do champanhe — disse Tom. — Nunca tive coragem de dizer a ela que não gosto de champanhe.

As três mulheres e Tom, que constituíam o quadro de funcionários da Bookends, tocaram seus copos, e Posy tinha certeza de que todos eles estavam percorrendo mentalmente suas lembranças favoritas de Lavinia.

A voz agitada e infantil, o inglês perfeito da década de 30, como um personagem de um romance de Nancy Mitford.

O modo como ela lia de tudo e conhecia todo mundo, mas continuava animada ao pensar em novos livros e novas pessoas.

As rosas do mesmo tom do vestido de Posy que ela comprava nas manhãs de segunda e quinta, as quais arrumava sem muito capricho, mas

com tanto bom gosto, em um vaso de vidro lascado que comprara no Woolworths nos anos 60.

O modo como ela chamava todos eles de “querido”, e como isso podia soar afetuosamente, reprovador, brincalhão.

Ah, Lavinia. A doce e divertida Lavinia, e as centenas de pequenas gentilezas que ela fizera a Posy. Depois que os pais de Posy morreram em um acidente de carro, sete anos atrás, Lavinia não só lhe dera um emprego como deixara que ela e seu irmão mais novo, Sam, ficassem no apartamento no andar de cima da Bookends que sempre havia sido o lar deles. Então a tristeza por Lavinia ter partido assim, tão de repente... Uma tristeza que lhe penetrava os ossos e se assentava fundo em seu coração.

Mas seus pensamentos abrigavam também preocupação, e uma ansiedade insistente se apossara dela. Agora que Lavinia se fora, o que seria da Bookends? Era improvável, praticamente impossível, que um novo proprietário deixasse Posy e Sam continuarem morando de graça no apartamento sobre a livraria. Isso simplesmente não fazia sentido em termos financeiros.

Com o magro salário de Posy, eles certamente estariam fadados a alugar aquelas minúsculas acomodações, sempre muito distantes de Bloomsbury. Então Sam talvez tivesse que mudar de escola e, se o dinheiro ficasse muito apertado para continuarem em Londres, poderiam ter que se mudar para o País de Gales, para Merthyr Dyfan, onde Posy só havia morado quando criança, e acampar na frente do pequeno sobrado de seus avós. Além disso, Posy teria que tentar arrumar um emprego em uma das poucas livrarias locais, se não tivessem todas fechadas.

Portanto, sim, Posy estava triste, desesperadamente triste e pesarosa pela perda de Lavinia, mas também tensa de preocupação. Não tinha conseguido engolir sequer uma torrada aquela manhã, e se sentia culpada por estar tão cheia de preocupação, quando só deveria estar triste.

— Vocês têm alguma ideia do que vai acontecer com a livraria? — Verity perguntou, hesitante, e Posy percebeu que os quatro estavam ali sentados em silêncio, perdidos nos próprios pensamentos, havia longos minutos.

Posy sacudiu a cabeça.

— Tenho certeza de que logo vamos ficar sabendo. — Ela tentou dar um sorriso tranquilizador, mas o sentiu mais como uma careta de desespero.

Verity respondeu com outro sorriso do tipo.

— Fiquei desempregada por mais de um ano antes que a Lavinia me contratasse, e isso só aconteceu porque ela disse que Verity Love era o nome mais incrível que já tinha escutado na vida. — Ela se inclinou um pouco para sussurrar no ouvido de Posy. — Eu não sou muito boa com pessoas. Não me saio bem em entrevistas de emprego.

— Eu nunca nem fiz entrevista de emprego — disse Posy, porque ela sempre havia trabalhado na Bookends. Tinha passado vinte e cinco dos seus vinte e oito anos na livraria, onde seu pai era gerente e sua mãe administrava o salão de chá anexo. Posy aprendera o alfabeto enquanto arumava os livros nas estantes e os números contando moedas. — Não tenho currículo e, mesmo se tivesse, ele não ocuparia nem uma página.

— A Lavinia não se preocupou em olhar o meu. E foi ótimo, porque eu fui demitida dos meus três últimos empregos. — Nina estendeu os braços para eles verem. — Ela só pediu para ver minhas tatuagens e pronto.

Em um braço, Nina tinha um longo desenho de pétalas e espinhos de rosas emoldurando uma citação de *O morro dos ventos uivantes*: “Seja do que for que nossas almas são feitas, a dele e a minha são iguais”.

No outro braço, em uma mudança de estilo, tinha uma tatuagem de manga inteira representando o chá do Chapeleiro Maluco, de *Alice no País das Maravilhas*.

Então as três moças se viraram para Tom, porque era a vez dele de confessar sua inadequação para outro emprego que não fosse na Bookends.

— Estou fazendo doutorado — ele lembrou a elas. — Poderia facilmente conseguir trabalho em pesquisa ou dando aulas, mas não quero. Quero trabalhar na Bookends. Temos bolo às segundas-feiras!

— Temos bolo todos os dias — Posy corrigiu. — Bom, nenhum de nós sabe o que vai acontecer, então acho que simplesmente continuamos como sempre, até... hum, não continuarmos mais. Vamos aproveitar o dia de hoje para lembrar como amávamos a Lavinia e...



— Ah! Aí estão vocês! Os pequenos órfãos da Lavinia! Seu alegre bando de desajustados! — declarou uma voz. Uma voz profunda e agradável que poderia ser descrita como atraente, se as coisas ditas por ela não fossem sempre sarcásticas e cruéis.

Posy levantou os olhos para o rosto de Sebastian Thorndyke, que seria um rosto muito atraente, se não estivesse sempre com ar de desdém, e esqueceu que deveria recordar como amava Lavinia.

— Ah, Sebastian — ela revidou. — O suposto e autoproclamado homem mais grosso de Londres.

— Não autoproclamado nem suposto — respondeu Sebastian, com o jeito presunçoso, pretensioso e arrogante que aperfeiçoara desde os dez anos e que sempre fazia Posy apertar as mãos em punhos. — O *Daily Mail* disse isso de mim, e o *Guardian* também, então deve ser verdade. — Ele se voltou para Posy, os olhos demorando-se sobre seus seios, que de fato testavam os botões do vestido até quase estourar. Qualquer movimento súbito e ela exporia seu sutiã barato de estampas bobinhas para a sala inteira, o que seria incrivelmente inadequado em qualquer situação, mas especialmente em um funeral. E especialmente na frente de Sebastian, que já tinha parado de olhar para seus seios e agora olhava em volta, provavelmente para ver se havia alguém que ele ainda não tivesse insultado.

Com Sebastian, o único neto de Lavinia, tudo era possível. Posy havia se apaixonado instantaneamente por ele quando chegara à Bookends aos três anos e vira pela primeira vez o menino insolente de oito, com um sorriso doce e olhos tão escuros quanto o mais amargo dos chocolates. Continuara apaixonada por ele, seguindo-o pela Bookends como um cachorrinho devotado e fiel, até que, quando ela estava com dez anos, ele a trancou no úmido depósito de carvão debaixo da loja, onde moravam aranhas, besouros, ratos e todo tipo de criaturas horríveis, rastejantes e sujas.

Depois ele negou saber onde ela estava e só confessou quando a mãe de Posy, em pânico, disse que chamaria a polícia.

Com o tempo, Posy superou o Caso do Depósito de Carvão — embora, até hoje, se recusasse até a espiar pela abertura —, mas Sebastian

permaneceu como seu arqui-inimigo desde então. Ao longo de seus carancudos e mal-humorados anos de adolescência, depois em seus vaidosos vinte anos, quando ele fizera fortuna desenvolvendo sites horríveis (Pegar ou Largar? tinha sido um particularmente deplorável, mesmo para seus padrões) e, agora, em seus devassos trinta, sempre alvo das notícias, geralmente acompanhado de uma bela modelo/atriz/qualquer coisa loira a tiracolo.

Ele atingira o ápice da fama depois de seu primeiro e último comparecimento ao programa *Question Time*, da BBC, quando falou para um deputado de cara vermelha completamente furioso com tudo, de imigrantes a impostos verdes, que ele precisava de uma boa trepada e um cheeseburger. Depois, quando uma mulher do auditório se empolgou em um discurso longo e sinuoso sobre salários de professores, Sebastian resmungou: “Que tédio. Não consigo aguentar isso sóbrio. Posso ir para casa?”

Foi então que os jornais começaram a chamá-lo de O Homem mais Grosso de Londres. A partir daí, Sebastian vinha agindo de acordo com o título — não que ele precisasse de muito incentivo para se comportar de modo desagradável e totalmente ofensivo. Posy desconfiava de que o gene ofensivo compunha pelo menos setenta e cinco por cento do DNA do rapaz.

Portanto era de fato muito fácil detestar Sebastian, mas também muito, muito fácil apreciar sua beleza.

Quando seus lábios não estavam curvados em escárnio, Sebastian tinha um sorriso doce e olhos muito escuros herdados do pai espanhol (sua mãe, Mariana, sempre tivera um fraco por homens do Mediterrâneo). Os cabelos eram escuros e ondulados em cachos querubínicos, feitos para as mulheres enrolarem nos dedos.

Era esguio (um metro e noventa de altura, de acordo com a revista *Tatler*, que insistia, apesar de todas as evidências em contrário, que ele era um dos solteiros mais qualificados do país), tinha pernas longas e gostava de ternos feitos sob medida que se ajustavam tão adoravelmente ao corpo que ficavam a menos de um centímetro de ser obscenamente apertados.

Hoje, em deferência aos últimos desejos de Lavinia, o terno de Sebastian era azul-marinho, a camisa vermelha de bolinhas brancas, combinando com o lenço no bolso...

— Morland, pare de olhar tão fixamente para mim. Você está começando a babar — disse ele, e o rosto de Posy ficou tão vermelho quanto a camisa dele, e sua boca, que estava aberta, fechou-se depressa.

Mas Posy logo a abriu de novo.

— Não estou olhando para você. Por que eu faria isso? Só nos seus sonhos mesmo!

O protesto dela deslizou ineficaz pela cobertura de teflon de Sebastian. Estava pensando em dizer algo realmente arrasador para ele, assim que conseguisse encontrar algo realmente arrasador para dizer, quando Nina a cutucou.

— Posy, tenha dó — ela disse, entredentes. — Acabamos de chegar do enterro da avó dele.

Era verdade. E Lavinia sempre havia sido um ponto fraco na construída armadura hostil de Sebastian. “Vamos, vovó, vou te levar para uns coquetéis”, ele anunciava ao irromper na livraria. Ele nunca entrava em um ambiente quando podia irromper nele. “Que tal um martíni maior que a sua cabeça?”

Lavinia amava Sebastian, apesar de seus muitos defeitos. “É preciso dar uns descontos”, ela gostava de dizer, quando pegava Posy lendo sobre o ato desagradável mais recente do neto, fosse um caso adúltero ou seu aplicativo de encontros insensível, o HookUpp, que havia lhe rendido milhões. “A Mariana sempre mimou demais o pobre garoto.”

Mais cedo, na igreja, Sebastian tinha lido uma homenagem a Lavinia que enchera o ambiente de risadas. Enquanto a maioria das mulheres, e alguns dos homens, esticava o pescoço para ter uma visão melhor dele, Sebastian traçou uma imagem viva e vibrante de Lavinia, como se ela estivesse de pé ali, ao seu lado. Mas então terminou com uma citação do *Ursinho Pooh*, um livro que, conforme revelou, Lavinia tinha lido para ele incontáveis vezes na infância.

“Que sorte a minha ter algo que torna tão difícil dizer adeus”, Sebastian declarou, e só alguém que o conhecesse tão bem quanto Posy poderia

perceber a falha em sua voz, uma fratura minúscula e terrível. Ele baixou os olhos para o papel, que não havia consultado nem uma vez antes, depois levantou a cabeça, sorriu seu sorriso radiante e despreocupado, e o momento passou.

Agora, Posy percebia que, por mais que doesse nela, devia estar doendo mais em Sebastian.

— Desculpe — disse ela. — Todos nós sentimos muito por sua perda, Sebastian. Eu sei como você vai sentir falta dela.

— Obrigado, agradeço sua gentileza. — A voz dele falhou outra vez, seu sorriso escorregou, mas retornou no tempo que Posy levou para pisar. — *Sentimos muito por sua perda.* Isso é tão clichê. E na verdade não significa nada, não é? Eu detesto clichês.

— As pessoas falam isso porque pode ser muito difícil encontrar o que dizer quando alguém...

— Você está sendo muito séria, Posy. Que tédio. Prefiro quando você é irritante — disse Sebastian, e Verity, que odiava qualquer coisa que se assemelhasse levemente a um confronto, cobriu o rosto com um guardanapo, Nina fez um som assobiado e Tom olhou com ar de expectativa para Posy, como se esperasse que ela fosse revidar com sua língua afiada, mas, nesse caso, sua espera seria muito longa.

— Quanta grosseria — foi o que ela disse. — Eu achei que pelo menos hoje você pudesse tirar uma folga de ser tão totalmente insuportável quanto normalmente é. Que vergonha!

— É, uma vergonha. E eu achei que pelo menos hoje você iria escovar o cabelo. — Sebastian teve a ousadia de levantar uma mecha do cabelo de Posy antes de ela o empurrar.

Posy queria ter cabelos que pudessem ser descritos como ondas, cachos ou uma cascata sedosa. Mas eram de um castanho-avermelhado, que ela gostava de pensar como ruivos sob determinada luz, e atraíam nós como o mel atrai abelhas. Se ela os escovasse, eles se transformavam em uma bola peluda gigante e, se decidisse penteá-los, era um exercício de dor e inutilidade que só resultava em mais nós, então ela preferia levantá-los e prendê-los com qualquer coisa que estivesse ao alcance. Geralmente um lápis, mas hoje Posy fizera um esforço especial e usara fivelas, embora

fossem todas de cores diferentes. Sua esperança era de que o efeito fosse inusitado e não convencional, mas aparentemente seu plano não deu certo.

— Meu tipo de cabelo não dá para escovar — ela disse, defensivamente.

— É verdade — concordou Sebastian. — Está mais para aquele tipo que os passarinhos adoram para fazer de ninho. Agora venha, levante!

O tom dele, como sempre, era tão autoritário que Posy fez menção de levantar, mas parou a tempo quando se deu conta de que não precisava fazer nada daquilo. Estava confortável ali e, além disso, tinha tomado duas taças de champanhe com o estômago vazio e suas pernas estavam moles feito geleia.

— Vou ficar aqui mesmo, se não se importa... Ei, o que você está fazendo?

Sebastian a estava puxando à força, era isso que ele estava fazendo. Suas mãos estavam sob os braços dela, na tentativa de levantá-la da cadeira, mas, como Posy era feita de um material muito mais denso e forte do que as mulheres com quem ele costumava desfilar, ela permaneceu exatamente onde estava, até que a insistência dele e a resistência dela resultaram no inevitável: dois botões do corpete de seu vestido desistiram da luta e, de repente, Posy exibiu o sutiã para qualquer um que por acaso olhasse em sua direção.

O fato era que a maioria dos presentes estava mesmo olhando para eles, porque não era comum ver duas pessoas quase se estapeando em um funeral.

— Tire as mãos de mim! — Posy grunhiu, enquanto Verity lhe dava um guardanapo para que ela pudesse proteger sua decência. Os dois botões rebeldes haviam voado para o outro lado da sala com a força de sua trajetória. — Olhe só o que você fez!

Ela olhou para Sebastian, que olhava para o que ele tinha feito sem a menor preocupação em disfarçar a expressão maliciosa.

— Se você tivesse levantado quando eu pedi...

— Você não pediu. Você ordenou. Nem disse “por favor”!

— De qualquer modo, o vestido estava apertado demais. Não é nenhuma surpresa se seus botões resolveram dar um grito de liberdade, depois da provação que você fez os coitados passarem.

Posy fechou os olhos.

— Vá embora. Eu *não* posso lidar com você. Hoje não.

Suas palavras não fizeram a mínima diferença para Sebastian, que agora a puxava pelo braço.

— Pare de agir feito um bebê. O advogado quer falar com você. Vamos logo, anda.

A vontade de infligir algum dano corporal sério em Sebastian cresceu e passou, substituída por uma agitação desagradável em sua barriga que de repente a fez agradecer por não ter conseguido comer nada.

— Agora? Ele quer falar comigo agora?

Sebastian inclinou a cabeça para trás e suspirou.

— É! Caramba! É mais rápido ganhar uma guerra que tirar você da cadeia.

— Mas você não falou o que era. Só ficou dando ordens e me puxando.

— Estou falando agora. Sinceramente, Morland, estou ficando cansado.

Posy fechou os olhos novamente para não ter que ver o rosto ansioso dos funcionários da Bookends.

— Por que ele quer falar comigo? Estamos no funeral da Lavinia. Isso não pode esperar?

— Aparentemente não. — Foi a vez de Sebastian fechar os olhos e massagear o alto do nariz elegante e aquilino. — Se não começar a se mexer, vou jogar você por cima do ombro, mas eu realmente preferiria passar sem essa hérnia.

Isso fez Posy levantar depressa.

— Eu não peso *tanto* assim. Obrigada! — ela acrescentou para Nina, que havia encontrado um alfinete no fundo da bolsa e o balançava na frente do rosto de Posy.

Então, com Sebastian segurando seu cotovelo, porque era incapaz de manter as mãos quietas, enquanto ela tentava juntar os dois lados do vestido, Posy foi arrastada para fora da sala.



Eles caminharam — Sebastian a passos largos e Posy correndo para acompanhá-lo — por um longo corredor decorado com retratos de estimadas senhoras do clube já falecidas.

Assim que alcançaram uma porta com a placa “Privativo”, esta se abriu de repente e uma mulher miúda vestida de preto apareceu, fez uma breve pausa e se lançou sobre Posy.

— Ah, Posy! Não é terrível?

Era Mariana, mãe de Sebastian, filha única de Lavinia. Apesar do pedido de Lavinia, ela estava vestida de preto da cabeça aos pés, e o traje austero era completado por uma bela mantilha rendada comprida, que representava um toque de exagero, mas Mariana nunca resistia a um gesto dramático.

Posy correspondeu ao abraço da mulher, que se agarrava a ela como se ela fosse o último colete salva-vidas do *Titanic*.

— Sim, é terrível — disse Posy, com um suspiro. — Não tive oportunidade de falar com você na igreja, mas sinto muito, muito mesmo pela sua perda.

Mariana não fez nenhum comentário sarcástico sobre o uso da velha frase batida. Em vez disso, segurou com força as mãos de Posy enquanto uma lágrima descia lentamente por sua face lisa de bebê. Ela havia usado alguns artifícios, mas mesmo um preenchimento habilidoso e discreto e um pouco de botox não podiam ofuscar a beleza frágil e delicada de Mariana.

Ela lembrava a Posy uma peônia gloriosamente desabrochada, a um dia de pender com suavidade e graça, suas pétalas murchando muito levemente sob um exame mais atento.

— O que eu faço agora sem a mamãe? — Mariana perguntou a Posy, chorosa. — Nós conversávamos todos os dias, e ela sempre me avisava quando o prêmio do EuroMillions acumulava, para eu poder mandar o mordomo comprar um bilhete.

— *Eu* vou ligar para você quando o prêmio estiver acumulado — Posy disse, enquanto Sebastian cruzava os braços e se recostava à porta com um suspiro de desgosto, como se também estivesse prestes a ser arrastado para a submissão à loteria EuroMillions.

As pessoas achavam que Mariana era uma mulher frívola, porque cultivava um vago ar de desamparo que já havia atraído quatro maridos, cada um mais rico e titulado que o anterior, mas também era tão bondosa quanto Lavinia havia sido. E mais doce, porque Lavinia se recusava a suportar gente idiota, enquanto Mariana era tão amorosa que sofria com qualquer pessoa que estivesse sofrendo.

Quando os pais de Posy morreram, Lavinia e seu marido, Peregrine, tinham sido duas rochas de firmeza para ela, mas Mariana viera de Mônaco, levava Posy e seu irmão, Sam, para a Regent Street e a conduziu — ainda atordoada por ter se transformado de repente em órfã aos vinte e um anos e responsável legal por um menino arrasado de oito anos — a uma loja de roupas finas para comprar um casaco e um vestido para o funeral. Enquanto Posy tirava e punha automaticamente as roupas que lhe eram passadas, Mariana entrara no provador, segurara o rosto de Posy nas mãos e dissera: “Eu sei que você me acha frívola e vaidosa, mas o funeral vai ser difícil, provavelmente o dia mais difícil que você vai enfrentar na vida, minha querida. Um vestido bonito e um casaco bem cortado são como uma armadura. E serão duas coisas a menos para se preocupar quando eu sei que você deve estar com o peso do mundo sobre os seus ombros tão jovens”.

Vestido e casaco comprados, Mariana os levava a uma loja de brinquedos e comprara um trem enorme para Sam, que, depois de montado, ocupava toda a sala de estar e boa parte do corredor da casa deles.

Desde então, a cada poucos meses, Mariana enviava para Posy lindas roupas de grife e, para Sam, uma caixa enorme de brinquedos. Embora Mariana parecesse pensar que Posy podia se espremer dentro de um modelo PP quando vestia pelo menos M, e que Sam havia permanecido com oito anos durante os últimos sete, ela fazia isso com a melhor das intenções.

E, no que devia ser o dia mais difícil da vida para Mariana, Posy queria fazer o que fosse possível para lhe oferecer algum alívio. Então apertou as mãos de Mariana.

— Sinceramente, se tiver alguma coisa que eu possa fazer, qualquer coisa que precisar, eu tentarei ajudar. Não estou dizendo isso só porque é o que as pessoas dizem nessas situações. É sério.



— Ah, Posy, ninguém pode me ajudar — Mariana respondeu, lacrimosa, e Posy tentou pensar em alguma outra palavra de conforto, mas sentiu a garganta doer, os olhos arderem, como se suas próprias lágrimas fossem rolar a qualquer momento. Então não disse nada e só ficou olhando para baixo, para o alfinete que prendia seu vestido, até Mariana soltar suas mãos. — Preciso ficar sozinha com meus pensamentos.

Sebastian e Posy observaram enquanto Mariana deslizava pelo corredor, até que ela virou em uma curva e sumiu.

— Garanto que ela vai ficar entediada depois de três minutos sozinha com seus pensamentos — ele disse para Posy. — Cinco no máximo.

— Ah, claro que não — Posy rebateu, embora também duvidasse do poder de concentração de Mariana. Não se podia esperar que alguém que havia tido tantos maridos soubesse ficar sozinha. — E o advogado?

— Aqui dentro — disse Sebastian, abrindo a porta e dando um empurrão firme em Posy, como se desconfiasse de que ela pudesse fugir. Ela certamente estava pensando nisso. Mas Sebastian dobrou os dedos contra as costas dela, o que bastou para impulsioná-la para a frente em um esforço de se afastar da marca de fogo do toque dele através do algodão de seu vestido.

Era uma saleta pequena, onde o onipresente revestimento de madeira fora abandonado em favor do chintz. Uma profusão de chintz, decorando e revestindo tudo, das cortinas e seus arremates ao sofá e o conjunto de poltronas. Hesitante, Posy parou à porta enquanto Sebastian se sentava no sofá e cruzava as pernas. Suas meias eram do mesmo tom de vermelho da camisa e do lenço no bolso do paletó. Até os cadarços dos sapatos pretos reluzentes eram vermelhos.

Posy se perguntou se Sebastian teria diferentes cores de cadarço para combinar com cada uma de suas camisas e se ele gastava cinco minutos todas as manhãs passando-os em seus sapatos ou se tinha um laçao para fazer isso...

— Terra chamando Morland! Não me diga que precisa ficar sozinha com seus pensamentos também.

Ela piscou.

— O quê? Não! Seus sapatos.

— *O quê?* — ele ecoou em um tom exasperado. — Acho que você deveria cumprimentar o sr. Powell. E pensar que você vive me acusando de ser grosso...

Posy arrancou seu olhar de Sebastian e viu que, sentado do outro lado da sala, havia um homem de meia-idade com um terno cinza e óculos de leitura. Ele agitou os dedos em um cumprimento hesitante.

— Jeremy Powell, procurador da falecida sra. Thorndyke — disse, depois baixou os olhos para o maço de papéis que tinha no colo. — E você é a srta. Morland?

— Posy. Olá. — Ela respirou fundo e apertou as mãos. — É sobre a livraria? Todos nós já pensamos nisso, mas... eu não achei que seria tão rápido. Vocês vão vendê-la?

Já haviam perdido tanto, ela e Sam: a mãe e o pai, Peregrine, depois Lavinia e agora a Bookends, que era mais do que apenas uma livraria. Era seu lar. O lugar para onde eles sempre voltavam. E não teriam mais nem isso.

— Sente-se, Morland, e pare de enrolar — Sebastian disse bruscamente, indicando o sofá. — Ninguém gosta de enroladores.

Com um olhar ameaçador para Sebastian, Posy contornou o sofá e sentou na poltrona diante do sr. Powell. Sebastian levantou uma garrafa de champanhe do balde de gelo a seu lado. Tirou a cápsula metálica, abriu a gaiola de arame, depois, lentamente, soltou a rolha com toda a habilidade de um virtuose, fazendo-a sair com um estouro discreto, mas enfático. Posy não havia notado as delicadas taças sobre a mesa, mas Sebastian pegou uma, serviu o champanhe e a passou para Posy.

— Eu não devia beber mais. — Se más notícias a aguardavam, talvez conhaque fosse melhor. Ou uma xícara de chá bem doce.

— Ordens da Lavinia. — Sebastian olhou para ela, e sua expressão crítica, combinada à certeza de que um comentário antipático viria em seguida, foi demais para Posy. Ela desviou o olhar e, embora tivesse planejado tomar só um gole, apenas por educação, acabou virando o champanhe de uma vez, sem a menor elegância.

Depois, teve de se concentrar para não arrotar enquanto Sebastian sorria com ar de superioridade e fazia um gesto para o advogado.

— Sr. Powell, poderia nos dar a honra agora?

Posy temia pelo pior, mas esperava que o pior fosse breve: “Por favor, desocupem o apartamento o mais rápido possível e deem o fora daqui”, o sr. Powell diria, embora, talvez, com palavras mais educadas. Em vez disso, ele se inclinou para a frente e entregou um envelope a Posy.

Um envelope em papel Cream Wove Quarto, da Smythson. Lavinia tinha uma caixa deles no escritório nos fundos da loja. O nome de Posy estava escrito na bonita letra cursiva de Lavinia, com a tinta azul-marinho que sempre fora sua preferida.

De repente, as mãos de Posy se recusaram a funcionar. Estava tremendo tanto que mal conseguia abrir o envelope.

— Deixe que eu faço isso, Morland!

Mas suas mãos recuperaram a firmeza quando o assunto foi dar um tapa na mão de Sebastian, e então ela passou um dedo sob a aba do envelope e tirou duas folhas do mesmo papel creme, totalmente preenchidas com a caligrafia de Lavinia.

*Minha querida, queridíssima Posy,*

*Espero que o funeral não tenha sido muito deprimente e que não tenha faltado champanhe. Sempre achei que a melhor maneira de enfrentar funerais e casamentos era ficar um pouco bêbado.*

*Também espero que você não esteja triste demais. Eu aproveitei bem a vida e, embora mesmo nesse estágio tão avançado ainda não tenha certeza se acredito em vida após a morte, se ela existir, estarei cercada pelas pessoas que eu amo e que me fizeram uma falta tão terrível. Reunida a meus pais, meus lindos irmãos, todos aqueles amigos que se foram e, o melhor de tudo, ao meu querido Perry.*

*Mas onde isso deixa você e Sam, minha adorável Posy? Tenho certeza de que minha morte, meu falecimento, minha passagem (qualquer que seja a palavra que eu escolha, ainda parece impensável, absurdo, que eu tenha me libertado do tumulto da existência) trouxe de*

volta memórias de seus pais. Mas então você deve se lembrar do que Perry e eu lhe dissemos naquela noite terrível, depois que o policial foi embora.

Que você não se preocupasse. Que a Bookends era tanto sua quanto nossa e que você sempre teria um lar ali.

Posy, querida, isso ainda vale. A Bookends é sua. Tudo da porta para dentro, inclusive aquele volume de *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus* que não conseguimos vender nos últimos quinze anos.

Eu sei que a livraria não tem ido bem. Tenho sido tão intratável e resistente a mudanças desde que Perry morreu, mas acredito que você pode mudar a sorte da loja. Faça dela o sucesso que era quando seu pai e sua mãe a administravam. Tenho certeza de que você vai pensar em muitas ideias interessantes para transformar esse velho lugar. Com você no leme, a Bookends iniciará um novo capítulo em sua história, e eu sei que não poderia deixar minha amada livraria em melhores mãos.

Porque você, minha querida, mais que qualquer outra pessoa, sabe que lugar mágico uma livraria pode ser, e sabe que todos precisam de um pouco de magia na vida.

Nem posso lhe dizer como fico feliz de saber que a Bookends continuará na família, porque você e Sam sempre foram como da família para mim. Além disso, você é a única pessoa em quem eu realmente confio para proteger o legado e mantê-lo seguro para as futuras gerações de apaixonados por livros. Estou contando com você, querida Posy, então não me decepcione! É muito importante para mim — meu último desejo, se quiser assim — que a Bookends continue viva depois que eu me for. Mas, se você decidir que não quer essa responsabilidade ou — detesto dizer isso — se ela não estiver operando com lucro dentro de dois anos, a posse da livraria passará para o Sebastian. A última coisa que eu quero, Posy querida, é que você se sinta sobrecarregada com algo que acabe arruinando-a, mas sei que não chegará a esse ponto.

Não tenha receio de pedir ajuda ao Sebastian. Tenho certeza de que você o verá muito mais agora, de qualquer modo, porque ele herdará o

restante de Rochester Mews, portanto vocês serão vizinhos e, espero, amigos. Já é hora de deixar para trás toda essa amargura por causa da história do depósito de carvão. Sim, é verdade que o Sebastian pode ser um pouco indisciplinado, mas ele tem as melhores intenções. Mesmo assim, não tolere nenhuma tolice dele. Eu realmente acho que ele poderia se beneficiar de um bom puxão de orelha de tempos em tempos.

Então, adeus, minha querida menina. Seja corajosa, seja forte, seja um sucesso. Lembre-se sempre de seguir o seu coração e você não se perderá.

Com muito amor,  
Lavinia